

A Mulher da Mala Preta

Uma eclética coletânea de contos de tirar o fôlego em um torvelinho de emoções nos meandros da vida.



Hélio Parron Ferrara

A Mulher da Mala Preta

Uma eclética coletânea de contos de tirar o fôlego em um torvelinho de emoções nos meandros da vida.





A mulher da mala preta

Uma eclética coletânea de contos de tirar o fôlego em um torvelinho de emoções nos meandros da vida

Copyrigth © 2023 by Hélio Parron Ferrara





Todos os direitos reservados

Capa e Revisão
Do Autor

1ª Edição

ISBN – 978-1-365-39964-0

Ferrara, Hélio Parron, 1963
A mulher da mala preta / Hélio Parron Ferrara
-Itaguajé – PR –
Editoras: Clube de Autores (Brasil), Bubok (Portugal), Lulu (USA)

1. Religião 2. Mistérios 3. Educação 4. Coletânea/Miscelânea 5. Costumes Sociais 6. Generalidades 7. Autoajuda 8. Antologia

eDNA DA OBRA:
6c18cbc16c64e304a88485b6adf21e7a935aa9fba0177a85547e50de8a139dca791ff3f532
43bfd6 ec4e7748404224328cfab325adcc7d5d8d71bdb07e02f7b5



Número de Registro: 312235868 - 11334647

Timestamp Oficial: 2019-07-26 12:15:51 UTC

Homenagem póstuma

Para meus pais
Paulo Ferrara e
Maria Francisca Parron Ferrara


A MULHER
contos de tirar o fôlego.
DA
MALA
PRETA
hélio
parron
ferrara

Introdução

Reunimos neste compêndio, as narrativas concebidas ao longo de um vasto período; representado nuances variadas de emoções e sentimentos. Textos estes que vão desde obras geradas na primeira metade da década de oitenta, até as mais recentes composições.

Ainda que a antologia se caracterize pela variedade temática de suas narrativas, podemos perceber uma leve predisposição para o saudosismo, caracterizado, sobretudo pelas descrições de cenas e cenários campestres, evidenciando um passado já distante e irrevogável, que, mesmo não mais condizendo com as realidades do atual mundo contemporâneo, não deixam de causar saudades e inspirar uma prosa riquíssima em conteúdo e saudosa, portanto, em sua essência.

Ademais seguem outros trabalhos que adentram em veredas singulares e de temáticas peculiares onde se busca em sua maioria, evidenciar os acertos e desacertos do cotidiano. As mazelas quase sempre dolorosas por onde trafegamos, arrastando languidamente nosso corpo espesso sobre um planeta que na visão otimista é um paraíso maravilhoso cheio de exuberância tanto nas formas de vida quanto nos recortes magníficos de sua conformação

geológica. Mas na visão dos pessimistas, por outro lado, é onde purgamos nossos dissabores em resgates angustiantes lavados em lágrimas copiosas que jorram em abundância de nossas entranhas, neste planeta que muitos já chamaram de "vale de lágrimas".

As narrativas, portanto, deste conjunto eclético evidenciam muito mais os dissabores da vida e seus tortuosos sofrimentos ao qual somos expostos, num ciclo sem fim de pensamentos negativos e de baixíssimo nível que tanto enodoa nosso orbe e nos sintoniza com as mais baixas e perniciosas vibrações que nos incentiva ao ódio, raiva, rancor e mágoas sem fim, alimentando assim o ciclo nocivo de nossa desdita.

Mas se as narrativas desta antologia parecem evidenciar a dor e o sofrimento, não se trata de trabalho negativista que se acomoda diante das desgraças e sucumbe resignado ante as torpezas da existência humana.

Essas narrativas constroem um retrato da nossa mais nua realidade, muitas vezes escancarada com certa veemência que nos causa desconforto diante sua explicitação mais notória e desnuda de subterfúgios.

Por outro lado, ao manifestar com clareza as dores da existência, lançamos mão também de escusas oportunas cujo objetivo é nortear o leitor no sentido de lhe conceder subsídios que o fortaleça perante os aborrecimentos da vida, e com isso lhe possa proporcionar parâmetros de coragem, determinação e fé. Elementos esses tão importantes para o

embate diário que travamos dentro de nossa própria existência.

Dessa forma e enriquecidos pela esperança no Bem maior, que nos guia, acalenta e direciona, possamos então, imbuídos da mais divina e gloriosa confiança, atravessar enfim com a altivez necessária, os meandros acidentados e peçonhentos que constituem nossas provações mais dolorosas e angustiantes, não obstante essenciais e merecidas.

Não estamos sós neste mundo. Não somos desafortunados inocentes, vitimados pelas artimanhas caprichosas do destino. Não somos uma legião de pobres sofredores inócuos vagando a esmo pelas plagas esquecidas da vida. Acima de tudo, está a "Inteligência Suprema e causa primária de todas as coisas", o qual é Bom e Justo.

Sendo assim, fiemos nosso destino em, Suas mãos augustas, pois nossas provas estão de acordo com nosso aprendizado, e ninguém será submetido às situações aflitivas e de dor angustiante, em desacordo com o seu próprio merecimento.

Trabalhe e confie.


Os
Cabelos
de
Eva Cris

Os Cabelos de Eva Cris

A brisa noturna era impecável naquela noite de primavera. A fragrância suave das flores que ornamentavam as vias públicas da simpática cidade de Itaguajé era demais contagiante. O aroma natural e saudável daquela flora belíssima produzia nos transeuntes, agradabilíssimas sensações de prazer e liberdade.

No centro sul da cidade, erguia-se imponente e cheio de vida, o Clube dos 30. Muitos eram os jovens que se movimentavam alegres e descontraídos diante desse tradicional lugar de diversão noturna, encontros calorosos e não obstante; desencontros de amargas proporções.

Dentro do ambiente e já na área do bar, uma infinidade de pessoas sorridentes e cheias de vida. Ultrapassando-se a grande cortina vermelha, um grande e harmonioso grupo de luzes piscantes e multicoloridas, faiscavam todas num entusiasmo louco. Centenas de watts de som criavam ali uma sonoridade estrondosa que retumbava por todo o salão.

Enquanto isso "Os Panteras", o conjunto musical que ali se apresentava; dançavam, cantavam e gesticulavam alegremente no embalo da sonoridade em evidência.

Na pista de dança do magnífico Clube dos 30, os jovens se requebravam cheios de felicidades, contagiados pela imponência do som, vivendo assim, momentos maravilhosos de fascinante alegria, nas dependências daquele ambiente jovial, e de tanta tradição.

Na ala oeste do salão, já na parte obscurecida do recinto, luzes azuladas e avermelhadas, porém, muito fracas, criavam um ambiente assaz romântico e encantador, bastante apropriado aos casais mais apaixonados que por ali se acomodavam, trocando beijos, abraços e carícias mil; sempre acompanhadas por certo de infinitas juras de amor.

Nas laterais do Clube, em mesas mais iluminadas, os rapazes bebiam entusiasmados e esquecidos da problemática cotidiana. Ali, num ápice de euforia descompromissada, bastante singular, eles paqueravam as belas garotas que por ali trafegavam insistentemente. Prática esta, já de muito costumeira e que, com efeito, tornava o ambiente tão agradável e peculiar.

Havia alguns espaços, próximo às cortinas vermelhas, de piso mais elevado, de onde era possível apreciar os embalos dos dançarinos agitados, outras vezes os afagos dos agarradinhos muito românticos, que se desenvolviam na pista daquele recinto tão badalado nas noites de fim de semana, desta simpática cidade do pontal do Pirapó.

Foi através desse local mais elevado, onde ficavam na maioria das vezes os mais simples e mais acanhados que eu me encontrava naquela noite memorável, bastante descontraído e

observando os participantes das danças que embalavam aquela noite. Em dado momento eu divisei estupefato, a silhueta arrebatadora de Eva Cris, no centro da pista. Ela se requebrava com maestria empolgada e impulsionada pelos acordes frenéticos daquela música inebriante, que ora Os Panteras executavam com tanta graciosidade e talento.

Mais tarde eu a perdi de vista, e por fim resolvi voltar para uma das mesas que ficavam nas laterais da pista, agradavelmente tão próximas do local destinado aos dançarinos e dançarinas itaguajeenses, onde estavam reunidos alguns dos meus companheiros de noitada.

E enquanto bebíamos socialmente e conversávamos amigavelmente sobre os mais diversos assuntos, sempre regados a muita brincadeira e risos abundantes, notei que Eva Cris, e algumas de suas amigas, passaram nas proximidades do nosso recanto. Eu fiquei a observá-la. Era linda, lindíssima. Uma deusa em forma humana. Eu não me cansava de lhe fitar, estava fascinado com tanta beleza. Seus movimentos, seu sorriso, uma figura angelical deveras arrebatadora.

Enquanto ela falava com as amigas, eu notava toda sua vivacidade. Seus lábios se moviam freneticamente e de maneira tão graciosa que, aliados ao sorriso divino se tornavam deveras sensuais.

A cada sorriso, ela apertava os olhos verdes e cintilantes tal qual esmeralda, com encantadora beleza, que eu podia sentir minha respiração apertar-se ofegante, de pura emoção ante aquela visão angelical.

Eva Cris tinha um corpo esplendoroso que, aliados aos movimentos faceiros, me deixava em êxtase arrebatado. Todavia, apesar da beleza impar daquele corpinho escultural, o que mais me fascinava naquela maravilhosa donzela, eram os seus cabelos. Quão lindos e quão maravilhosos eram os cabelos de Eva Cris. Longos e louros, aliás, loiríssimos, quase esbranquiçados, lisos e muito brilhantes. Aquela cabeleira notável trazia em si a marca singular de sua portadora, uma explosão vigorosa de vida e

energia contagiantes. Algo tão puramente mágico e divino, cuja definição talvez esteja aquém de nossa linguagem.

Ah, os cabelos de Eva Cris faziam acrobacias incríveis, quando impulsionados pelos movimentos elegantes de sua donzela ou mesmo pela leve brisa daquela noite de primavera, que tão languidamente penetravam o recinto de festas, pelas amplas e alongadas janelas do clube dos 30.

Eu não me cansava de contemplar tanta beleza, e assim me enlevar em todos os momentos em que ela passava os dedos pequenos e dóceis, por entre aquela sedosa cabelama clara, com uma graciosidade tal, que eu às vezes ficava paralisado.

Meus amigos notaram o entusiasmo com que há muito tempo eu observava aquela linda menina. Então eles a atraíram, juntamente com suas amigas, para a nossa mesa. Ela estava sempre em evidência, diante das outras. A voz rouca e as palavras cheias de carinho e afeto faziam dela uma peculiaridade divina. E ainda que seus movimentos fossem amiúde, muito provocantes; tudo era muito natural. Não havia nenhuma vulgaridade nisso, mas sim uma qualidade distinta e demais notável. Na verdade tratava-se de uma pessoa humilde e despretensiosa, dotada de uma meiguice impressionante.

Esse sempre foi meu conceito diante de Eva Cris, e cada vez que a via, eu mais me apaixonava pela sua beleza e por sua abundante energia, que a todos contagiava sobremaneira.

Já fazia algum tempo que nos conhecíamos e vez por outra nos encontrávamos no Clube dos 30. Conversávamos, trocávamos algumas ideias sobre os mais diversos assuntos, e eu notava que além de bela, era também deveras inteligente e de um bom senso espetacular.

Naquela noite não foi diferente, e em meio a tantas brincadeiras, daquele grupo de amigos maravilhosos que tínhamos, nós ainda conseguimos trocar algumas palavras, emitir algumas opiniões e conceitos a respeito disto ou daquilo.

Contudo, pouco depois ela se afastou do nosso grupo, juntamente com suas amigas, e mais adiante se encontrou com outros amigos.

Eu ficava furioso quando a via trocar os três beijinhos de cumprimento com aqueles “almofadinhas”, enquanto comigo ficava só no aperto de mão. Era o ciúme que me corroia o íntimo, vitimado por uma paixão dolorosa, em que eu não encontrava meios para me declarar.

E enquanto me consumia com a introspecção de minha dor, ela dançava de rosto colado com um rapaz da alta sociedade local, muito cobiçado pelas mocinhas da cidade.

A admiração formidável que eu nutria por Eva Cris, já havia se transformado em paixão há muito tempo. A fagulha do amor já havia me incendiado de maneira irreversível. A figura encantadora daquela moça cativante, já convivia comigo incontinente, fazendo parte dos meus pensamentos mais prementes. Em meus sonhos e fantasias, era ela a figura central, a linda donzela loura que me arrebatava para um mundo de esperanças numa felicidade sem precedentes.

Todavia, como eu não passava de um simples lavrador da Fazenda Grota Funda, um pobre coitado, filho de arrendatários, parecia-me uma pretensão absurda, desejar os carinhos de uma senhorita tão fina bela e deveras cobiçada em toda a região do vale do Paranapanema.

Se às vezes conversávamos, é por que tínhamos ideias afins, mas na verdade era ela, atenciosa e delicada com todos, sem exceção. Mas eu não podia crer que uma mulher tão linda pudesse se apaixonar por um caipira da roça; um rapaz da pele queimada pela labuta diária sob o sol escaldante. Mãos grosas e cheias de calos, em função da lida árdua no campo...

Pensava comigo mesmo, que; tendo eu espelho em casa, não poderia me iludir. Meu nariz meio adunco, olhos encovados. O corpo excessivamente magro e meio corcunda por causa da lavra fustigante na agricultura dava-me a aparência de um matuto,

cujo destino era uma cabrocha sertaneja, de lenço na cabeça e vestido comprido.

-Não e não – eu pensava de mim para comigo mesmo - definitivamente não. Eva Cris jamais se apaixonaria por esse caboclo enamorado, vitimado por uma cilada atroz, engendrada caprichosamente pelos devaneios de um coração sonhador e demais inconsequente.

Naquela noite, contudo, um de meus amigos insistiu no assunto, já que era visível minha predileção por Eva Cris, a jovem de cabeleira da cor do luar. Por minha vez, expliquei-lhe que isso era impossível, pertencíamos a mundos completamente diferentes. Enquanto ela era uma donzela burguesa, e notoriamente inclusa na alta sociedade local com seus hábitos abastados e de nível por demais elevado; eu não passava de um caipirão. Um plebeu que vivia isolado em uma fazenda, numa luta hercúlea contra a miséria e o sofrimento cotidiano tão singular à prole dos agricultores desfavorecidos nos confins do sertão brasileiro, embrenhados em moradias longínquas.

Meu amigo, contudo, insistiu com veemência, salientando que apesar de toda essa eventual distância, o que há no coração das pessoas, nem sempre é o que se aparenta. Que a paixão costuma ser caprichosa e que de mais a mais, eu jamais saberia dos verdadeiros sentimentos dela, se continuasse teimando em reprimir e esconder a minha paixão desvairada.

“-Se você não tentar, nunca vai saber”. – disse ele por fim, com a destra sobre meu ombro em demonstração inconteste de amizade e solidariedade. E conclui: - Vai lá meu amigo, o máximo que pode acontecer é ela dizer não. E um não é exatamente o que você já tem.

Aquelas palavras amigas e cheias de verdade caíram sobre mim, como uma chuva de inverno, despertando-me de supetão, para uma realidade, ainda que improvável plenamente possível.

De fato, eu deveria me aproximar. Pelo sim ou pelo não, a dúvida, com efeito, não me levaria a nada. Manter os meus sentimentos incógnitos, não me traria nenhum benefício e eu

jamais viria, a saber, o que de fato havia dentro daquele coração transbordante de alegrias inebriantes.

Levantei-me por fim, com o coração pulsando em tal descompasso, que parecia pronto a saltar para fora do peito. Sentia um calor estranho a percorrer-me as entranhas e um princípio de suor frio já se fazia presente em minha pele.

Contudo, caminhei resoluto e disposto a lhe confessar o que de fato vinha aninhado em minha alma já há bastante tempo.

Todavia, eu a encontrei na pista, dançando agarradinha com um jovem filho da burguesia, e tido como galã e muito cobiçado pelas raparigas da região. Ao fim da música saíram de mãos dadas, e eu pude ver a maneira romântica e carinhosa com que se entreolhavam e se falavam. Ali estava enfim, um par perfeito. Um casal de mesmo nível social que tinham por certo, tudo a ver um com o outro. E como ficaram juntos, e conversavam e gesticulavam alegremente, e pareciam se entender tão bem, eu pude concluir que aquilo não passava de uma resposta à minha dúvida.

Eu nem precisei me pronunciar, evitei um desgaste desnecessário. Eu não era, definitivamente, um homem para Eva Cris. E se tivesse insistido e me declarado, me sentiria constrangido diante de sua negativa certa. Além do que, estaria perdendo por certo, uma bela amizade.

Amizade, e tão somente amizade. Amigos é tudo o que seríamos; tão somente amigos.

Bastante ciente de minha condição, aliás, como sempre procurei ser, aceitei, pois, passivamente e ainda que contristado, o fato fatídico e demais tristonho, todavia real. Não obstante, senti um nó amargo na garganta e uma sensação dolorosa de insignificância, se abateu sobre mim.

Recostei-me mais adiante, no umbral das cortinas vermelhas, e sem me deleitar com o ambiente de dança, pus-me a contemplar as luzes do conjunto musical e sua performance. Por ali fiquei um bom tempo, remoendo a tristeza angustiante e a dor